

A problemática da nação em duas conjunturas analíticas

Márcio Santos de Santana¹

Resumo: O artigo aborda a contraposição entre o nacionalismo e o internacionalismo na história contemporânea, avaliando qual o tipo de relação que os conecta? Verificamos a hipótese de que entre esses elementos exista *correlação* e não *causalidade*. Trabalhamos com fontes do gênero textual, mas de diferentes tipologias; o caso português é analisado sob a perspectiva do romance *A ilustre Casa de Ramires* de Eça de Queirós, ao passo que o caso alemão adota a visão da imprensa, no caso o jornal *O Estado de S. Paulo*. Nesse sentido, realizamos duas análises de conjuntura histórica, sendo uma referente a Portugal do século XIX e outra sobre a Alemanha do século XX, enfatizando a resignificação dos respectivos projetos nacionais. A metodologia é formada ainda por pesquisa bibliográfica e documental. Na fundamentação teórica promovemos uma discussão das teses tropológicas, vinculadas à corrente construtivista. Tanto no caso português quanto no caso alemão, mesmo que em séculos diversos, XIX e XX respectivamente, há correlação entre o nacionalismo e a internacionalização da economia. A solução para

¹ Professor Associado no Departamento de História do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: msantana@uel.br. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-4131-217X>.

A PROBLEMÁTICA DA NAÇÃO EM DUAS CONJUNTURAS ANALÍTICAS
SANTANA, M. S. DE.

Portugal, em franca decadência, segundo a visão eciana, era o expansionismo pelo continente africano. Para a Alemanha em busca de cura das feridas do passado, era o nacionalismo para solidificar os laços internos, mas parceria e abertura com os parceiros internacionais.

Palavras-chave: Nação; Nacionalismo; Internacionalismo; Europa; Fonte histórica.

The problematic of nation in two analytical conjunctures

Abstract: This article addresses the contrast between nationalism and internationalism in contemporary history, assessing what type of relationship connects them. We hypothesize that there is *correlation* rather than *causality* between these elements. We work with sources of the textual genre, but of different typologies; the Portuguese case is analyzed from the perspective of the novel *A ilustre Casa de Ramires* by Eça de Queirós, while the German case adopts the perspective of the press, in this case the newspaper *O Estado de S. Paulo*. In this sense, we conduct two analyses of historical contexts, one referring to 19th-century Portugal and the other to 20th-century Germany, emphasizing the redefinition of the respective national projects. The methodology also includes bibliographic and documentary research. In the theoretical foundation, we promote a discussion of tropological theses, linked to the constructivist current. In both the Portuguese and German cases, even in different centuries, 19th and 20th respectively, there is a correlation between nationalism and the internationalization of the economy. The solution for Portugal, in frank decline, according to Ecclesiastical view, was expansionism across the African continent. For Germany, in search of healing the wounds of the past, it was nationalism to solidify internal ties, but partnership and openness with international partners.

Keywords: Nation; Nationalism; Internationalism; Europe; Historical source.

Introdução

No debate público de qualquer nação há momentos de efervescência de um determinado assunto. Com certa frequência, a opinião pública se refere a ele como a “questão nacional” ou o “tema quente” do momento. Isso em decorrência de sua capacidade de nortear as discussões, estabelecer o léxico, fixar teses, enfim, de permitir aos atores históricos tomarem consciência dos seus atos individuais e sociais e o significado deles no tempo e no espaço – consciência histórica.ⁱ

A literatura especializada, nos idos da década de 1990, apresentava um discurso hegemônico sobre a globalização, fenômeno percebido pela comunidade internacional como extremamente poderoso e transformador das realidades socioculturais. Por conseguinte, *(i)* seria um processo irreversível, *(ii)* de impossível resistência, *(iii)* restando aos agentes estatais a realização ações paliativas. Por isso, *(iv)* tornou-se o maior desafio para a existência dos Estados Nacionais.ⁱⁱ

Logo, o discurso é não só determinista como também simplificador. Em decorrência,

A análise do quadro mundial é substituída pela propagação de slogans e chavões de diversos tipos. Predominam reações emocionais e reflexos atávicos, reveladores – quem sabe? – da natureza dos processos e problemas encobertos pela retórica da “globalização”. A simples palavra parece ter algo de mágico. Na América Latina de um modo geral, e no Brasil em particular, a atitude em face da “globalização” oscila entre o medo e o fascínio, o pânico e o encantamento.ⁱⁱⁱ

A PROBLEMÁTICA DA NAÇÃO EM DUAS CONJUNTURAS ANALÍTICAS
SANTANA, M. S. DE.

Dessarte, a perspectiva histórica permite um olhar menos enviesado. Dessa maneira, o discurso da globalização pode ser sintetizado em seis proposições:

- 1) A globalização é um fenômeno novo;
- 2) Trata-se de um processo homogêneo;
- 3) É, do mesmo modo, um processo homogeneizador: graças à globalização, todos seremos, antes ou depois, iguais e, em particular, os latino-americanos serão iguais em desenvolvimento, cultura e bem-estar aos nossos vizinhos do Norte e da Europa;
- 4) A globalização conduz ao progresso e ao bem-estar universal;
- 5) A globalização da economia conduz à globalização da democracia;
- 6) A globalização conduz à desaparecimento progressiva do estado, ou ao menos uma perda de importância do mesmo.^{IV}

Essas proposições estão presentes tanto em Francis Fukuyama^V – com a tese de base hegeliana sobre “o fim da história” – quanto em Kenichi Ohmae^{VI} – com a tese da “ilusão geográfica” –, ambas centrais para a discussão.

Se a globalização – como quer os seus críticos – se tornou o maior desafio para a existência das nações, forçando-as a um permanente estado de reconstrução, reorganização e ressignificação, resta-nos compor um mapa desse labirinto. E nesse contexto de globalização, de certo modo como uma resposta a ela, é que tem se expandido e aprofundado as manifestações identitárias – e as discussões acerca de – em diversas partes do mundo.^{VII}

Colocamos-nos em perspectiva específica na literatura acadêmica, segundo a qual a globalização se refere a um processo muito mais amplo do que apenas a internacionalização da economia e a facilitação das

A PROBLEMÁTICA DA NAÇÃO EM DUAS CONJUNTURAS ANALÍTICAS
SANTANA, M. S. DE.

trocas econômicas entre os países. Há que se considerar também, dentre outros aspectos, a cultura, a tecnologia, as instituições, a normatividade e a intencionalidade política presente no projeto de globalização.^{viii}

Todavia, não podemos nos deixar enganar por determinadas caracterizações um tanto idílicas. Nesse sentido,

De fato, as nações ainda estão muito presentes. Fala-se em relações internacionais, Nações Unidas, nação para descrever um Estado ou sobre nacionalidade de alguém. Esses termos, incluindo a antecessora da ONU, a Liga das Nações, revelam uma confusão entre Estado e nação. Atualmente, a ONU reúne 193 Estados, mas não abarca todas as nações.^{ix}

Dentre outros eventos, a força do nacionalismo esteve presente na Guerra do Kosovo. Evento iniciado em fevereiro de 1998, contou com intervenção da comunidade internacional a partir de março de 1999, estendendo-se até junho de 1999. Evidentemente que, em virtude das circunstâncias, não se tratou de uma intervenção pacífica.

As forças militares da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) promoveram massivos ataques contra “alvos estratégicos” do oponente, isto é, a Iugoslávia de Slobodan Milosevic. Na prática, civis também foram atingidos, como sempre ocorre nessas ocasiões.^x

A comunidade internacional questionou a eficácia da intervenção da OTAN como meio de frear o genocídio da população albanesa alojada na região de Kosovo. A questão central era se o número de vítimas civis era aceitável para pressionar um governo genocida? Uma situação paradoxal, pois o enfraquecimento do governo e das forças armadas de Milosevic tinha um custo humanitário muito alto. De todo modo, a OTAN

não se importou em pagar. Na ocasião, segundo informações da imprensa,

Menos de 24 horas depois de ter desmentido acusações da Iugoslávia (Sérvia e Montenegro), a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) reconheceu ontem que um F-16 de sua esquadra de caças-bombardeiros *[sic]* atacou na quarta-feira por equívoco veículo de um comboio de refugiados albaneses étnicos na rodovia entre Prizren e Djakovica (Kosovo). No bombardeio, morreram 75 pessoas e 26 ficaram feridas, segundo fontes oficiais iugoslavas.^{XI}

O principal aspecto do conflito, que ora nos interessa, residiu no poder de resistência dos iugoslavos, mal avaliado pelos estrategistas da OTAN, mas especialmente a questão do nacionalismo sérvio que era a base de sustentação do regime de Slobodan Milosevic. Por conseguinte, “A guerra do Kosovo representou a mais importante derrota do *nacionalismo sérvio*, e de seu projeto de reconstrução do *Estado iugoslavo*, desde o início do processo que levou à desintegração da antiga Iugoslávia”.^{XII}

O artigo analisa a oposição entre o nacionalismo e o internacionalismo na História Contemporânea, considerando que a literatura especializada já constatou “A pouca atenção dispensada ao papel da internacionalidade na formação das comunidades nacionais [...]”.^{XIII}

Avaliamos qual o tipo de relação que há entre o *nacionalismo* e o *internacionalismo*. Verificamos a hipótese de que entre o *nacionalismo* e o *internacionalismo* exista *correlação* e não *causalidade*.

O nacionalismo não necessariamente é uma força de retração ao desenvolvimento de um país, de modo a conduzi-lo a um regime político autoritário e/ou um modelo de economia autárquica.

A PROBLEMÁTICA DA NAÇÃO EM DUAS CONJUNTURAS ANALÍTICAS
SANTANA, M. S. DE.

A reflexão, no entanto, não se dará no plano exclusivamente teórico. Optamos por uma base fática particular. Desenvolvemos duas *análises de conjuntura histórica*^{xiv} específicas, propositalmente distanciadas no tempo e no espaço: Portugal do século XIX, por meio do romance *A ilustre casa de Ramires*; Alemanha do século XX, através das reportagens do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Em se tratando de um estudo histórico, não há de causar surpresa que o recorte temporal seja de tipo *retrospectivo*, isto é, o retorno ao passado se justifica pela busca das causas, razões ou circunstâncias de um problema do presente; mas, como vimos, este é também um estudo de tipo *longitudinal*, pois os dados são coletados em mais de uma temporalidade.

A compreensão do quadro analítico demanda uma reconstrução dos eventos históricos em cada uma dessas conjunturas. Para tanto, uma ação metodológica importante é a *análise conceitual*, com destaque para *nacionalismo* e seus corolários, tendo por base a perspectiva *koselleckiana*; o conceito *representação*, por sua vez, é acolhido na acepção *chartierniana*.^{xv}

Resta, pois, o arremate acerca da metodologia adotada. O *método hipotético-dedutivo* foi tipo de raciocínio lógico empregado no encaminhamento da análise. Dessa maneira, a pesquisa teve a configuração seguinte: ela foi de natureza *básica*, tendo o caráter tanto *descritivo* quanto *explicativo* e, em relação aos procedimentos, se tratou de uma pesquisa *bibliográfica e documental*.^{xvi}

Este artigo, além desta introdução, está estruturado nas seções seguintes: a primeira discute as concepções de nação, nacionalismo e

internacionalismo. As duas seções subsequentes apresentam as análises de conjuntura histórica de ressignificação de projetos nacionais: na seção dois, do projeto nacional lusitano; na seção três, do projeto nacional alemão. A seção quatro, por seu turno, apresenta as considerações finais do artigo.

Nação e correlatos; conceitos fluídos

Os teóricos que se debruçaram sobre o conceito *nação*, peça teórica central da problemática em discussão, têm apresentado alguns instigantes caminhos de análise. A nação é objeto de uma pluralidade de discursos nos mais diversos matizes políticos: liberalismo, modernismo, naturalismo, positivismo, romantismo, socialismo, etc.^{XVII}

Logo, para efeito dessa discussão, consideramos as definições seguintes como basilares. Uma nação pode ser definida como “[...] uma comunidade humana, estabelecida neste determinado território, com unidade étnica, histórica, linguística, religiosa e/ou econômica.” Em estrita conexão e complementaridade, “O Estado seria, nesse sentido, o setor administrativo de uma Nação.”^{XVIII}

Da junção desses dois elementos, a nação e o Estado, temos o Estado-nação, que se caracteriza pela “Combinação de uma grande **comunidade** (nação) e uma forma (Estado) territorial e política, criando uma entidade político-cultural, hoje a ‘unidade de sobrevivência’ mais difundida no mundo.”^{XIX}

A associação simplista entre nacionalismo e internacionalismo tornou-se um lugar comum no debate público, tendo em vista que “[...] ambos os termos rotulam diferentes doutrinas e anseios políticos,

preferências culturais e até mesmo tendências artísticas.”^{xx} O exame do uso cotidiano dos termos auxilia a dirimir quaisquer dúvidas em relação ao status social de cada um deles.

O nacionalismo, estigmatizado após a Segunda Guerra Mundial como um sentimento exclusivista e agressivo, é hoje percebido por muitos como um anacronismo alimentado por mentalidades atrasadas; o internacionalismo, voltado ou não para propósitos revolucionários, desde o século XIX, desperta simpatias com suas generosas promessas de compreensão, respeito, desenvolvimento, solidariedade e harmonia entre as sociedades humanas.^{xxi}

Tendo em vista que toda essa dificuldade se origina com “nação”, conceito que dá origem aos demais, vejamos alguns pormenores sobre ele. Acompanhando essa linha de raciocínio, dois encaminhamentos costumam ser adotados: (i) confrontar os *discursos* com a *realidade* buscando detectar qual o *discurso verdadeiro*; (ii) considerar essa *variedade discursiva* como uma prova de que a nação seria uma construção cultural estritamente vinculada às *necessidades* do sistema capitalista.^{xxii}

Entretanto, há uma alternativa intermediária: a nação como *enunciado linguístico*. Dessa maneira, o constructo requer a permanente legitimação social, forçando a incessante emissão de um discurso legitimador a ser renovado periodicamente. A nação alcançaria a condição de realidade social se, e somente se, tal percurso for seguido à risca.^{xxiii}

Dessa maneira, a nação é um objeto plurívoco, considerando que no plano discursivo existem várias nações. Ademais, as proposições precedentes inserem o debate na corrente teórica construtivista,

considerando o diálogo profícuo com as teses tropológicas sobre os imaginários nacionais. A capacidade de obtenção de consensos é essencial para a consolidação do imaginário nacional, compreendido como o resultado gerado pelas narrativas na sociedade. Nessa formulação teórica,

Nações, como narrativas, perdem suas origens nos mitos do tempo e só realizam completamente seus horizontes no olho da mente. Tal imagem da nação – ou narração – pode parecer impossivelmente romântica e excessivamente metafórica, mas é dessas tradições de pensamento político e linguagem literária que a nação emerge como uma poderosa ideia histórica no ocidente.^{xxiv}

Posição singular é a do sociólogo Ernest Gellner. Embora considere que é “[...] o nacionalismo que dá origem às nações e não o contrário”, o fenômeno estaria associado à gênese da sociedade industrial (c. 1760) e não ao início da Era Moderna.^{xxv} No seu arcabouço teórico o nacionalismo é entendido como

[...] uma teoria da legitimidade política que exige que as *fronteiras étnicas* não atravessem as *fronteiras da legitimidade política* e, especialmente, que as fronteiras étnicas dentro de um mesmo Estado [...] não separem os detentores do poder do resto da população.^{xxvi}

O movimento nacionalista só pode ser iniciado pelo sentimento nacionalista, na medida em que o nacionalismo faz uso de maneira seletiva de culturas preexistentes, muitas vezes alterando-as radicalmente. Dessa maneira, para Gellner, existiria um *nacionalismo verdadeiro*, inviabilizando qualquer concepção dele como *ideologia*.

A PROBLEMÁTICA DA NAÇÃO EM DUAS CONJUNTURAS ANALÍTICAS
SANTANA, M. S. DE.

Por conseguinte, o nacionalismo como um conjunto discursivo, gira em torno da cultura popular; porém, em termos concretos, se constitui através da imposição da cultura erudita sobre o conjunto social. Nesse sentido, trata-se de analisar o desencontro entre a teoria e a prática do nacionalismo.

O romantismo brasileiro constitui-se em rico exemplo. A tessitura de um projeto para o Brasil, contemplando uma tradição cultural e uma identidade nacional, levou a um investimento forte na criação cultural em torno da figura do índio, tida como um dos elementos autênticos do “povo” brasileiro.^{xxvii}

As ideias desenvolvidas por Benedict Anderson são igualmente cruciais para a discussão, haja vista sua concepção de nação sob a perspectiva da *comunidade imaginada*. Em suas palavras, “Assim, dentro de um espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: uma *comunidade política imaginada* – e imaginada como sendo intrinsecamente *limitada* e, ao mesmo tempo, *soberana*”.^{xxviii}

Ela é *imaginada* porque um integrante da nação não conhece os demais membros e, nem mesmo numa comunidade pequena, jamais chegará a conhecer. E também *limitada*, pois todas as nações têm fronteiras definidas, ainda que elásticas, ainda que identitárias, pois nenhuma comunidade se identifica com a humanidade como um todo. E é *soberana*: o pressuposto é que nenhuma outra comunidade tenha a prerrogativa de tomar as decisões nas áreas sob a sua jurisdição. Finalmente, ela é entendida como uma *comunidade* porque “[...] independentemente da *desigualdade* e da *exploração efetivas* que

possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda *camaradagem horizontal*.^{xxix}

Entretanto, Anderson entende que “As comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas.” Destarte, no entendimento de Anderson, Gellner teria cometido um deslize metodológico em virtude de seu ímpeto em “[...] mostrar que o nacionalismo se mascara sob falsas aparências, que ele identifica ‘invenção’ com ‘contrafação’ e ‘falsidade’ e não com ‘imaginação’ e ‘criação’.”^{xxx}

Portugal, século XIX

Nesta seção examinamos o romance *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queirós (1900), com o fito de responder de que maneira o projeto nacional português foi ressignificado. O livro e o autor são oriundos da Geração de 1870, cuja produção discursiva é de grande valor documental para a temática em análise.

Não nos esqueçamos de que o autor foi diplomata de carreira, envolvido diretamente nas discussões acerca da política internacional do período.^{xxxi} Os integrantes da Geração de 1870 se revoltaram contra a crescente insignificância de Portugal no cenário internacional da época. A reação veio na arena intelectual, com uma produção de reflexões sobre a nação e a nacionalidade portuguesa. O objetivo político imediato era a reinserção do país no rol das potências da época.

A mensagem implícita na obra é a de que Portugal pagou um alto preço por suas indefinições no cenário internacional, assim como pela forma vacilante como enfrentou a modernidade. O progresso era a

A PROBLEMÁTICA DA NAÇÃO EM DUAS CONJUNTURAS ANALÍTICAS
SANTANA, M. S. DE.

resposta. A reconfiguração, no entanto, não foi suficiente, sendo mantidas as forças da tradição.^{xxxii}

O primeiro movimento é uma caracterização da História de Portugal no final do século XIX. Em seguida, esboçamos uma breve análise do romance de Eça de Queirós e, finalmente, apresentaremos algumas considerações parciais.

Portugal foi o pioneiro das Grandes Navegações no século XVI. Todavia, essa condição de liderança não foi preservada. Dessa forma, no século XIX, não detinha nem a vanguarda das transformações tecnológicas e nem a condição de potência no cenário internacional. Assim sendo, o Estado lusitano, outrora explorador dos oceanos, se viu restrito ao seu enclave continental. Contribuiu para isso, escolhas políticas feitas por suas lideranças diante dos desafios com que se defrontaram.^{xxxiii}

Profundas mudanças haviam se processado naquele pequeno reino, que se encontrava em um estado de estagnação econômica e cultural em relação a outros países da Europa – Inglaterra, França, Alemanha, Itália etc. –, pujantes potências imperialistas. No último quartel do século XIX, cada um deles atuava intensamente no continente africano – a Partilha da África. O neocolonialismo possibilitou aos europeus: prospecção de matérias-primas para as indústrias, insumos agrícolas baratos para abastecer a economia, o controle geopolítico sobre novas áreas, a incorporação de novos mercados consumidores etc.^{xxxiv}

Embora imerso em um clima decadentista, não havia apenas sinais negativos. O liberalismo já havia se institucionalizado e consolidado entre os lusitanos. As instituições parlamentares funcionavam com regularidade.

A PROBLEMÁTICA DA NAÇÃO EM DUAS CONJUNTURAS ANALÍTICAS
SANTANA, M. S. DE.

Havia também certa interação com o exterior, propiciando trocas de experiências no campo tecnológico, econômico e social.^{xxxv}

No entanto, essas modificações não foram suficientes para tirar Portugal da estagnação em que se encontrava, pois a tradição oligárquica de sua cultura política foi mais forte. Nesse sentido, em pouco tempo, tanto o partido Progressista quanto o Regenerador entraram juntos no jogo oligárquico. Não estiveram ausentes, no que diz respeito à produção literária, a academização e o formalismo.^{xxxvi}

Este é o contexto histórico no qual surge um movimento de renovação de ideias e de modelos literários que ficou conhecido como Geração de 1870. Iniciado em Coimbra, sob a forma de protesto contrário ao sistema universitário que se tornou anacrônico, na visão de seus críticos. No seu manifesto explicitaram seus anseios por

[...] um raio de sol, também para nós, desse sol da liberdade e progresso que luz para todo o século e só a nós nos deixa nas trevas do passado. Um lugar no banquete das garantias liberais que nos é devido, porque essa liberdade custou o sangue dos nossos pais, o nosso sangue!^{xxxvii}

O grupo *Cenáculo* se formou nesse meio intelectual e dele surgiu o projeto das *Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense*, que estava integrado em um plano amplo, porém impreciso, de reforma da sociedade portuguesa. O Governo proibiu a realização das conferências. Houve uma ameaça de protestos, mas que não se realizaram. No final das contas, o grupo se dispersou.^{xxxviii}

De todo modo, a Geração de 1870 deixou um legado, pois alterou profundamente “a forma de pensar a vida da Nação e o sentido de sua

existência". A partir das conferências de 1871 "começa a vigorar um modo [particular] de compreender as descobertas e conquistas [do país]".^{xxxix}

O século XIX foi marcado por conjunturas de crises de ordem política e econômica, produzindo reveses variados. Logo, a sensação de decadência seria uma consequência lógica do processo histórico. Dentre os acontecimentos em questão, vale destacar:

(i) entre 1807 e 1813 Portugal esteve envolvido na Guerra Peninsular, manifestação ibérica do expansionismo de Napoleão Bonaparte, resultando na fuga da família real para o Brasil e a consequente transmigração da Corte.^{xl}

(ii) D. João VI faleceu em 1826 e se abriu uma disputa pela sucessão. Um acordo entre as partes deixava D. Miguel como regente até que D. Maria da Glória, sua sobrinha e filha de D. Pedro, alcançasse a idade legal. D. Miguel não reconheceu os termos. D. Pedro então abdicou do trono brasileiro e retornou a Portugal. O contencioso só se definiu em 1834, depois de muitos conflitos.^{xli}

Eça de Queirós, no romance *A ilustre Casa de Ramires*, pôs em prática os seus ideais políticos, o personagem principal pode ser tomado como uma metáfora de Portugal. Essa ideia é apresentada ao leitor por meio de um diálogo entre os personagens João Gouveia e padre Sueiro:

[...] Mas eu sustento a semelhança. Aquelle todo de Gonçalo, a franqueza, a doçura, a bondade, a immensa bondade, [...] A vaidade, o gosto de se arrebicar, de luzir, e uma simplicidade tão grande, que dá na rua o braço a um mendigo... Um fundo de melancolia, apesar de tão palrador, tão sociável. A desconfiança terrível de si mesmo, que o acobarda, o encolhe, até que um dia se decide, e apparece um heroe, que tudo arrasa... Até aquella antiguidade de raça, aqui pegada á sua velha Torre, ha mil annos... Até agora

A PROBLEMÁTICA DA NAÇÃO EM DUAS CONJUNTURAS ANALÍTICAS
SANTANA, M. S. DE.

aquelle arranque para a Africa... Assim todo completo, com o bem, com o mal, *sabem vocês quem ele me lembra?*

– Oquem?...

– *Portugal*.^{XLII}

Gonçalo Mendes Ramires, o protagonista, sofre de uma amarga e intolerável sensação de decadência e, assim como seu país, vive de glórias decorridas do passado. A tensão entre passado glorioso e presente decadente é um arremate perfeito da situação vivida por Portugal. Assim, o protagonista permanece dividido e perplexo entre os valores afetivos desse passado, ao qual ele evoca recorrentemente, e as difíceis e ásperas exigências do presente que lhe arrebatam.

Gonçalo se dedicava, sem muita inspiração, à escrita d'*A Torre de D. Ramires*, uma novela histórica que contaria a saga dos Ramires, uma das famílias fidalgas mais tradicionais do reino, sendo “[...] destinada ao primeiro número dos **Anais de Literatura e de História**, Revista nova, fundada por José Lucio Castanheiro, seu antigo camarada de Coimbra, nos tempos do Cenaculo Patriótico, em casa das Severinas.”^{XLIII}

Gonçalo não era mais um aristocrata do Antigo Regime, tampouco um burguês do capitalismo... Em que mundo habitava Gonçalo afinal? Decerto, ele não tinha a segurança emocional necessária para enfrentar as questões do cotidiano. As marcas dessa divisão são visíveis.

Em um dia qualquer, o fidalgo resolve fazer um passeio sem destino, talvez visitar o Visconde de Rio-Manso. Embora não se recordasse muito bem o caminho, mesmo assim seguiu tranquilamente seu destino. Após muitas andanças, resolveu se informar com um rapaz se estava no

A PROBLEMÁTICA DA NAÇÃO EM DUAS CONJUNTURAS ANALÍTICAS
SANTANA, M. S. DE.

caminho correto. Foi prontamente orientado. Mas, por infelicidade, havia um terceiro sujeito que era desafeto de Gonçalo.

– Oh Manoel, que estás tu ahi a ensinar o caminho, homem! Este caminho por aqui não é para asnos!

Gonçalo sentiu a pallidez que o cobriu – e todo o sangue no coração, n'um tumulto confuso, que era de medo e de raiva. Um novo ultrage, do mesmo homem, sem provocação! Apertou os joelhos no sellim para galopar. E a tremer, n'um esforço que o engasgava:

– Vossê é muito atrevido! É já pela terceira vez! Eu não sou homem para levantar desordens n'uma estrada ... Mas fique certo que o conheço, e que não escapa sem lição.^{XLIV}

Ante a ameaça a sua integridade moral e física, pela terceira vez, interposta pela mesma pessoa, desta vez Gonçalo não recua. Segue-se um contencioso entre as partes, violento, tendo por desfecho um banho de sangue imposto pelo fidalgo aos seus ofensores! Se Gonçalo é uma metáfora de Portugal, então esse episódio equivale ao seu Ultimatum! Como não fazer tal associação?

Os domínios ultramarinos portugueses foram gradativamente perdidos no transcurso do século XIX, notadamente em benefício da Grã-Bretanha, grande potencia da época e aliada de primeira hora. Em 1878 o Tratado Luso-Britânico transferiu o controle da Índia Portuguesa; por ocasião da Conferência de Berlim (1884-1885), as posses no continente africano. Por último, o Tratado Anglo-Português de 1890 que implicou a capitulação de Portugal e registra a seguinte clausula: “Portugal obriga-se a não ceder os seus territórios a qualquer outra potência, sem o consentimento prévio da Grã-Bretanha”.^{XLV} Não por outra, esse tratado é conhecido por Ultimatum...

A PROBLEMÁTICA DA NAÇÃO EM DUAS CONJUNTURAS ANALÍTICAS
SANTANA, M. S. DE.

Qual revela a dubiedade do personagem principal, ao aludir às transformações vividas naquele final de século: o protagonista valoriza a retidão moral de seus antepassados, mas não a exerce cotidianamente. Portanto, Gonçalo Ramires seria uma metáfora acabada de um Portugal enredado nos impasses políticos no final do século XIX.

(i) Ao se relacionar de forma paternalista com seus subordinados, o que o faz investir horas para refletir a motivação: seria incapacidade de exercer autoridade ou uma forma de se conectar com o passado glorioso da Casa dos Ramires?

(ii) O protagonista tenta se casar, mas não teve a coragem necessária para abordar a jovem pretendida; pedia ajuda à sua prima, mas a sua incapacidade de tomar uma decisão sobre o assunto inviabilizou a matrimônio.

(iii) Ao se aventurar na política, na tentativa de se eleger deputado; sentiu-se humilhado por ter permitido que um desafeto seu pudesse cortejar a sua irmã.^{XLVI}

Portanto, Portugal buscava ocupar novamente um posto relevante no concerto das nações. Tendo sido uma potência marítima no passado, relevante na aparência e na essência, almejava retomar esse status. A solução para o seu projeto de futuro estava num expediente antigo. Consoante às expectativas ecianas, a exploração do continente africano seria uma possibilidade concreta para Portugal se reinserir entre os grandes e recuperar sua autoestima.

Alemanha, século XX

Revisitamos o caso da Alemanha pós-queda do muro de Berlim nesta seção. Examina-se de que forma o projeto nacional alemão foi ressignificado nesse contexto histórico tão sensível. Tomamos como fonte o jornal *O Estado de S. Paulo*, cujas matérias produzidas à época da ocorrência dos acontecimentos, têm valor qualitativo, permitindo a reflexão crítica acerca do assunto.

Entre o término da Segunda Guerra Mundial, com suas consequências desarrazoadas, e a queda do muro, simbolizando a esperança em um mundo guiado por valores democráticos e liberais, um questionamento era continuamente repetido: como os alemães conseguiram reerguer-se depois de todos os acontecimentos que haviam vivenciado?

A parte Ocidental da Alemanha era detentora de uma melhor qualidade de vida em relação à parte oriental. Isso porque recebeu sólidos investimentos internacionais que possibilitaram um desenvolvimento econômico muito superior ao lado oriental. Esse desenvolvimento promoveu um bom nível de qualidade de vida aos seus moradores, mas também certa sensação de inferioridade nos ex-alemães orientais.

O desafio era imenso, em qualquer instância do real que se observe a questão. A sociedade alemã conseguiu bons resultados nesse processo de reconstrução da nação. Evidentemente que reintegrar uma população há muito separada, demanda um grande investimento cultural na produção de símbolos, mitos, valores, cerimônias e rituais com a finalidade de (re)unificar culturalmente o povo, derrubando o muro psicológico.

A PROBLEMÁTICA DA NAÇÃO EM DUAS CONJUNTURAS ANALÍTICAS
SANTANA, M. S. DE.

Os significativos investimentos públicos e privados permitiram uma retomada do crescimento econômico após 1993. Contudo, e curiosamente, de forma reiterada os observadores estrangeiros constataram que, vários anos após a queda do muro, o relacionamento entre os habitantes dos antigos setores leste e oeste da cidade de Berlim continua sendo pouco fluido. Surpreendentemente pesquisas de opinião realizadas desde a época da reunificação da cidade sugerem que ainda existiria um invisível ou virtual muro psicológico entre significativas parcelas da comunidade – hipótese que se demonstraria, por exemplo, com a baixíssima taxa de casamentos entre moradores dos dois setores da metrópole, popularmente conhecidos como *ossies* e *wessies* [...].^{XLVII}

A primeira década da queda do muro de Berlim serviu como mote para a realização, em 9 de novembro de 1999, de eventos cívicos comemorativos na Alemanha tendo como objetivo a reintegração das duas comunidades que por tanto tempo estiveram separadas – a porção ocidental e a porção oriental. Nas palavras do então chanceler Gerhard Schroeder^{XLVIII}, houve homenagens aos “valerosos alemães-orientais”.

O evento contou com a presença de autoridades políticas da época, como o ex-chanceler Helmut Kohl^{XLIX} (Alemanha), o ex-presidente George Bush^L (EUA) e o ex-Secretário-Geral Mikhail Gorbatchev^{LI} (União Soviética).

Em seu discurso, Schroeder foi enfático sobre a importância da participação popular, ao defender que “a queda do muro não foi decidida em Bonn, Washington ou Moscou, mas pela gente valorosa que saiu às ruas gritando ‘somos o povo’”. O ex-presidente americano George Bush acompanhou a abordagem do colega, afirmando que a reunificação ocorreu por obra das pessoas nas ruas, em diversas cidades da

A PROBLEMÁTICA DA NAÇÃO EM DUAS CONJUNTURAS ANALÍTICAS
SANTANA, M. S. DE.

Alemanha; em suas palavras: “O dique rompeu-se e a liberdade jorrou literalmente pelo muro, como uma cascata”.^{LI}

A estratégia discursiva é assertiva, pois equilibra razão e emoção: a reconstrução da nação é uma obra coletiva; o protagonismo é do povo, pois unido, lutou por uma causa em comum. Nesse sentido, o objetivo desse tipo de evento é celebrar a sua própria história. Assim sendo, os eventos e os discursos tendem a exaltar a participação simbólica dos sujeitos na construção da comunidade. Se cada sujeito se sentisse integrado à vida comunitária, mesmo após vivenciar um processo emocionalmente doloroso, o resultado seria potencialmente valoroso para todos.^{LII}

Os valores coletivos foram renovados e publicamente reafirmados aos cidadãos, por meio de uma mensagem objetiva: os acontecimentos – a queda do muro e a mudança do regime político – só foram possíveis em virtude da *vontade popular*, ou seja, os ex-alemães orientais e ex-alemães ocidentais foram os construtores da mudança.

Por conseguinte, a *nacionalidade alemã* exerceu uma significativa influência sobre as ações humanas. Logo, o tempo não foi capaz de destruir os laços identitários que os unia. O discurso político agiu exatamente sobre esse ponto, enaltecendo os *aspectos culturais em comum* existentes entre os habitantes das comunidades das antigas Alemanhas orientais e ocidentais.^{LIV}

Derrubado o muro e feito a mudança de regime, veio o choque de realidade: a comunidade formada pelos ex-alemães orientais, havia se convertido na parte mais frágil da equação. O que fazer? Um trabalho de

integração cultural entre as duas comunidades – ocidental e oriental –, de natureza lenta, de longa duração e de resultados incertos.

Eventos comemorativos como esse cumprem uma função importante, qual seja, a redução da imagem negativa em relação a uma dada comunidade.^{LV} A ênfase na contribuição oriental tem uma dupla motivação. A primeira, em razão do protagonismo popular exercido em 1989. A segunda tem ligação com o xadrez político jogado em 1999.

A disseminação reiterada de uma argumentação positiva em relação aos ex-alemães orientais, assim como em relação à nova comunidade nacional unificada, tem a finalidade e o imenso potencial de gerar transformações reais na sociedade.

No ano seguinte, por ocasião das celebrações dos dez anos da reunificação do país, novos eventos comemorativos foram realizados. Estimava-se um público de pelo menos 250 pessoas, para fazer um percurso por pontos históricos da cidade de Berlim, incluindo as ruínas do muro e o Portão de Brandemburgo.^{LVI}

O retorno do Parlamento alemão ao Reichstag foi outra medida significativa. O chanceler alemão Schroeder, disse que a mudança do governo e do Parlamento de Bonn à capital era “um retorno à história da Alemanha”. Sugestivo, na medida em que tenta recolocar o país nos eixos da tradição. É um marco simbólico da transformação vivenciada pela nação alemã, no momento em que ela exercitava o princípio de seletividade, discorrida por Ernest Renan, de modo a “acertar as contas” com seu passado.^{LVII}

Não menos importante, tanto quanto simbólico, é o fato de que o retorno ao Reichstag ocorre ao mesmo tempo em que a Alemanha

participa da coalizão que ataca a Iugoslávia. De acordo com Schroeder, “Nossa democracia e nosso Parlamento são fortes e estáveis. A mudança para Berlim não interrompe a história da Alemanha pós-guerra”.^{LVIII} Um dos objetivos da mudança era reduzir o desnível existente entre o setor oriental empobrecido e o setor ocidental próspero.

O projeto de reforma do Reichstag foi realizado entre 1992 e 1999, sob a responsabilidade do arquiteto Norman Foster, do escritório *Foster and Partners*.^{LIX} As obras tiveram início em 1995 e o valor da reconstrução ficou em 604 milhões de marcos (330 milhões de dólares). A marca principal do projeto diz respeito à eliminação da “[...] modesta restauração interior do edifício feita na década de [19]60 por Paul Baumgarten para restaurar grande parte da grandiosidade original do arquiteto alemão Paul Wallot”.^{LX}

Não por outro motivo o projeto de reforma do Reichstag procurou restaurar as características arquitetônicas anteriores ao nazismo. Seria uma tentativa de apagar as marcas desse passado vergonhoso? Se sim, tratar-se-ia de um caso de reconstrução da nacionalidade feita também através de um suporte material/visual. Entretanto, nada é perfeito, o passado resiste, e está o tempo todo causando estragos à imagem da nação alemã com a ação dos neonazistas.

Considerações finais

Analisamos a problemática da nação por meio de dois eventos distanciados no tempo e no espaço: a ressignificação do projeto nacional de Portugal no século XIX e da Alemanha no século XX. As fontes primárias fornecem material para que os seus leitores pensem e problematizem os seus contextos históricos específicos. *A ilustre Casa de Ramires* possibilita

A PROBLEMÁTICA DA NAÇÃO EM DUAS CONJUNTURAS ANALÍTICAS
SANTANA, M. S. DE.

uma visão acerca da ressignificação do projeto nacional português. As matérias jornalísticas d'*O Estado de S. Paulo*, por sua vez, um olhar sobre o projeto alemão.

As fontes são do gênero textual, mas de tipologia diversa: romance e matéria jornalística. Contudo, as diferenças entre as tipologias das fontes são diluídas em razão da sua configuração em discurso. Nessa condição estrutural, as semelhanças tem um maior peso, ao menos de um ponto de vista qualitativo. Se estivéssemos considerando o processo de circulação da informação em suas minúcias, a diferença entre as fontes inviabilizaria estas reflexões. No entanto, o enfoque aqui é a mensagem, não o meio.^{LXI}

O argumento central do artigo é o de que o nacionalismo e a internacionalismo são fenômenos correlatos. Sendo assim, como esperamos ter ficado demonstrado anteriormente, equivocam-se os estudiosos que atribuem relação de causalidade entre eles.

O nacionalismo não necessariamente é uma força de retração ao desenvolvimento de um país, de modo a conduzi-lo a um regime político autoritário e/ou um modelo de economia autárquica. O enunciado precedente não só expressa um raciocínio determinista, como também um erro primário em relação ao conceito de nacionalismo, cujo elemento basilar reside na primazia da nação em um segmento de atuação e/ou da realidade. A configuração do regime político e/ou do modelo econômico está relacionada às contingências históricas.

Os teóricos discutidos expõem elementos relevantes para a discussão em tela. Nesse sentido, em linhas gerais, há convergência entre as propostas, porquanto exponham princípios cruciais para a análise. O aparato conceitual é entendido como constructo, passível de renovação

e/ou transformação. O debate sobre a nação e seus derivados se insere no construtivismo, pois dialoga com as teses tropológicas.

Ernest Renan, arguto observador social, já no século XIX registrou: “Ora, a essência de uma nação é que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido coisas.”^{LXII} Esse *princípio de seletividade* atualiza laços identitários, ressalta peculiaridades e, sobretudo, encaminha uma visão de nação como uma *comunidade política imaginada*.

O vínculo social é fortalecido pelo ciclo permanente de renovação. Essa operação envolve elementos diversos como memórias, valores, crenças, visões de mundo, ideologias, dentre outros. Por conseguinte, uma vez que os membros da comunidade sejam alcançados pela produção discursiva, de alguma forma, (i) os laços identitários são regulados e (ii) a coesão e a harmonia social resguardada.

Não há espontaneidade em política? Possivelmente sim. O problema é encontrar registros dessa manifestação. Em nosso caso, buscamos as intencionalidades dos agentes. Seja no século XIX ou no XX, em Portugal ou na Alemanha, a ressignificação do projeto nacional não foi um ato inocente. Tanto em um caso quanto no outro, as fontes demonstram as intencionalidades envolvidas, demonstrando que o processo não é espontâneo.

Como qualquer outro referencial teórico, pode haver o uso ideológico da questão nacional e dos conceitos a ela atrelados. Não por outra razão, não nos faltam alertas para essa possibilidade, como se vê na formulação seguinte, a qual sustenta que o conceito pode vir a “[...] ocultar a *divisão social das classes*, a *exploração econômica*, a *dominação*

política e a exclusão cultural, oferecendo aos membros da sociedade o sentimento da identidade social [...]”.^{LXIII}

Os bens e os valores culturais são portadores de um potencial imensurável para a consolidação de uma comunidade, pois se constituem em um patrimônio em comum dela, seja forjando ou renovando os laços identitários. Nesse sentido, se apresenta como *o discurso da nação*, revelando, por vezes implicitamente, a ânsia de narrar a nação.

De fato, a avaliação de dois contextos completamente diversos, no tempo e no espaço, é um desenho de pesquisa incomum nas ciências humanas. Mas essa escolha não inviabiliza a comparação direta entre os casos? A resposta é positiva, pois não se compara contextos diferentes. De todo modo, não se buscou a reconstituição minuciosa das tramas históricas, pois o alvo pretendido é o *elemento teórico*. Qual o *tipo de relação* ocorre entre o *nacionalismo* e o *internacionalismo*. Causalidade? Correlação? Em ambos os casos? Ao leitor menos habituado à reflexão teórica ou mais afeito ao paradigma narrativista, o arranjo pode parecer incompleto.

Em suma, tanto no caso português quanto no caso alemão, mesmo que em séculos diversos, XIX e XX respectivamente, há correlação entre o nacionalismo e a internacionalização da economia. A solução para Portugal, em franca decadência, segundo a visão eciana, era o expansionismo pelo continente africano. Para a Alemanha em busca de cura das feridas do passado, era o nacionalismo para solidificar os laços internos, mas parceria e abertura com os parceiros internacionais.

A PROBLEMÁTICA DA NAÇÃO EM DUAS CONJUNTURAS ANALÍTICAS
SANTANA, M. S. DE.

Notas

^I GADAMER, 1998; HELLER, 1993.

^{II} M. VILAS, 2018.

^{III} BATISTA JR., 1998, p. 125.

^{IV} M. VILAS, *op. cit.*, p. 21-22.

^V Yoshihiro **Francis Fukuyama** (1952) é um filósofo e economista nipo-estadunidense. Doutor em Ciência Política pela *Universidade de Harvard* e professor de economia política internacional na *Universidade Johns Hopkins*, em Washington. Cf. FUKUYAMA, 1992.

^{VI} **Kenichi Ōmae** (1943) é um renomado estrategista empresarial. Obteve o bacharelado na *Universidade de Waseda*, o mestrado no *Instituto de Tecnologia de Tokyo* e o doutorado no *Instituto de Tecnologia de Massachusetts*. Teve uma breve passagem pela vida pública, mas foi na iniciativa privada que fez a sua trajetória profissional, onde continua atuando por meio de sua empresa a *Ohmae & Associates*. Cf. OHMAE, 1999.

^{VII} IANNI, 1994.

^{VIII} HIRST; THOMPSON, 2002.

^{IX} BIEBER, 2023, p. 11-12.

^X OTAN..., 1999, p. A14.

^{XI} *Ibid.*

^{XII} NOGUEIRA, 2000, p. 144, grifos meus.

^{XIII} NETO; MARTINS, 2018, p. 85.

^{XIV} SOUZA, 1996.

^{XV} CHARTIER, 2002; KOSELLECK, 1996, 2006.

^{XVI} GIL, 1989.

^{XVII} CHAÚÍ, 2014.

^{XVIII} SILVA; SILVA, 2009, p. 308.

^{XIX} GIDDENS; SUTTON, 2017, p. 320. Grifo no original.

^{XX} *Ibid.*, p. 81.

^{XXI} NETO; MARTINS, 2018, p. 81.

^{XXII} CHAÚÍ, *op. cit.*

^{XXIII} BHABHA, 1990.

^{XXIV} *Ibid.*, p. 1. Tradução minha.

^{XXV} GELLNER, 1993, p. 89

^{XXVI} *Ibid.*, p. 12, grifos meus.

^{XXVII} BOSI, 1992.

^{XXVIII} ANDERSON, 2013, p. 32, grifos meus.

^{XXIX} *Ibid.*, p. 34, grifos meus.

^{XXX} ANDERSON, *op. cit.*, p. 32-33.

^{XXXI} MEDINA, 1972.

^{XXXII} MAYER, 1987.

^{XXXIII} TENGARRINGA, 2000.

^{XXXIV} FERRO, 1996.

^{XXXV} SARAIVA, 1996.

^{XXXVI} SARAIVA; LOPES, 1996.

^{XXXVII} SARAIVA, *op. cit.*, p. 334.

^{XXXVIII} SARAIVA; LOPES, *op. cit.*; SARAIVA, *op. cit.*

^{XXXIX} FRANCHETTI, 1998, p. 147.

^{XL} MACEDO, [1990].

^{XLI} LIMA, 2008; LOUSADA, 1989.

^{XLII} QUEIROZ, 1900, p. 542, grifos meus.

^{XLIII} *Ibid.*, p. 1.

^{XLIV} *Ibid.*, p. 435.

^{XLV} ALBUQUERQUE, 2023, p. 475.

^{XLVI} QUEIROZ, *op. cit.*, passim.

^{XLVII} ÁVILA, 2010.

A PROBLEMÁTICA DA NAÇÃO EM DUAS CONJUNTURAS ANALÍTICAS
SANTANA, M. S. DE.

^{XLVIII} **Gerhard** Fritz Kurt **Schröder** (1944) é um político alemão. Foi Chanceler da Alemanha de 1998 a 2005. Atua no setor privado como presidente do conselho da *Nord Stream AG*. Já foi membro do conselho da *Rosneft* e presidente do conselho do clube de futebol *Hannover 96*, dentre outras atividades.

^{XLIX} **Helmut** Josef Michael **Kohl** (1930-2017) foi um político alemão. Foi Chanceler da Alemanha de 1982 a 1998. Era Doutor em História pela *Universidade de Heidelberg* (1958).

^L **George** Herbert Walker **Bush** (1924-2018) foi um diplomata, empresário e político americano. Disputou a presidência dos Estados Unidos pelo *Partido Republicano*. Eleito, exerceu o mandato presidencial entre os anos de 1989 e 1993.

^{LI} **Mikhail** Sergeevich **Gorbachev** (1931-2022) foi um político soviético. Foi Secretário-Geral do *Partido Comunista da União Soviética* (PCUS) de 1985 a 1991, portanto, o último líder da União Soviética antes da sua dissolução. Implementou duas importantes políticas: a *glasnost* ("transparência"), aumentando as liberdades de expressão e de imprensa, e a *perestroika* ("reestruturação"), descentralizando a tomada de decisões econômicas.

^{LII} ALEMÃES..., 1999, p. A19.

^{LIII} DIJK, 2020.

^{LIV} THOMPSON, 2002.

^{LV} ALEMÃES..., *id.*

^{LVI} LAPOUGE, 2000, p. A14.

^{LVII} RENAN, 2006.

^{LVIII} *apud* REICHSTAG..., 1999, p. A16.

^{LIX} FARRELLY, 2014.

^{LX} REICHSTAG..., *id.*

^{LXI} As práticas de leitura exemplificam concretamente o que estamos dizendo. Há semelhanças e diferenças na leitura de um livro físico ou digital. Mas, a circulação da informação é muito mais dinâmica se o livro for digital, desde que haja o acesso a tal tecnologia evidentemente.

^{LXII} RENAN, *op. cit.*, p. 6.

^{LXIII} CHAUÍ, 2016, p. 53, grifos meus.

Referências

ALBUQUERQUE, R. de. As difíceis relações luso-britânicas no século XIX. *In*: ARAÚJO, A. M. R. et. al. (coord.). **650º Aniversário da Aliança Luso-Britânica: balanço o passado e perspectivas de futuro**. Coimbra: GESTLEGAL, 2023. p. 461-477.

ALEMÃES homenageiam orientais por fim do muro. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, ano 120, n. 38.739, 10 nov. 1999. Internacional, p. A19.

ÁVILA, C. F. D.. A queda do muro de Berlim: um estudo com fontes brasileiras. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 18, n. 37, p. 93-110, out. 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rsocp/a/wKVjqN5BX5vCN5nDS9tJBTR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 jun. 2024.

BATISTA JR., P. N.. Mitos da "globalização". **Estudos Avançados**, v. 12, n. 32, p. 125-186, jan. 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141998000100012>. Acesso em: 14 dez. 2024.

BHABHA, H. K. Introduction: narrating the nation. *In*: BHABHA, H. K. (ed.). **Nation and narration**. London: Routledge, 1990.

- BIEBER, F. **Nações e nacionalismos**: uma história global do sentimento nacional, dos extremismos e dos conflitos. Tradução de Roberto Cataldo. São Paulo: Contexto, 2023.
- BOSI, A. Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar. *In*: BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 176-193.
- CHAUÍ, M. **A ideologia da competência**. Belo Horizonte: Autêntica ; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016. (Escritos de Marilena Chauí, 3).
- CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência**. Belo Horizonte: Autêntica ; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014. (Escritos de Marilena Chauí, 4).
- DIJK, T. A. v. **Discurso e poder**. 2. ed., 5. reimp. São Paulo: Contexto, 2020.
- FARRELLY, L. **Fundamentos de arquitetura**. Tradução de Alexandre Salvaterra. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2014.
- FERRO, M. **História das colonizações**: das conquistas as independências, Séculos XIII a XX. Tradução Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FRANCHETTI, P. História e ficção romanesca: um olhar sobre a Geração de 70 em Portugal. *In*: IANNONE, C. A. *et al.* (org.). **Sobre as naus da iniciação**: estudos portugueses de literatura e história. São Paulo: Unesp, 1998.
- FUKUYAMA, F. **O fim da história e o último homem**. Tradução de Aulyde S. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- GADAMER, H.-G. **O problema da consciência histórica**. Tradução Paulo Cesar Duque Estrada. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- GELLNER, E. **Nações e nacionalismo**. Lisboa: Gradiva, 1993.
- GIDDENS, A.; SUTTON, P. W.. **Conceitos essenciais da sociologia**. Tradução de Cláudia Freire. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: ATLAS, 1989.
- HELLER, A. **Uma teoria da história**. Tradução de Dilson Bento de Faria Ferreira Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- HIRST, P.; THOMPSON, G.. **Globalização em questão**: a economia internacional e as possibilidades de governabilidade. Tradução de Wanda Caldeira Brant. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- IANNI, O. Metáforas da globalização. **Ideias**, Campinas/SP, v. 1, n. 1, p. 7-21, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/ideias.v1i1.8677744>. Acesso em: 14 dez. 2024.
- KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto ; Ed. PUC-Rio, 2006.

- KOSELLECK, R. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 134-146.
- LAPOUGE, G. Dez anos depois, ainda há divisão da Alemanha. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, ano 121, n. 39.067, 03 out. 2000. Internacional, p. A14.
- LIMA, O. **Dom Pedro e Dom Miguel: A querela da sucessão**. Brasília: Senado Federal, 2008.
- LOUSADA, M. A. D. Pedro ou D. Miguel? As opções da nobreza titulada portuguesa. **Penélope - Fazer e desfazer História**, Lisboa, n. 4, p. 81-111, nov. 1989.
- MACEDO, J. B. **O Bloqueio Continental**. 2. ed. Lisboa: Gradiva, [1990].
- MAYER, A. J. **A força da tradição: a persistência do antigo regime (1848-1914)**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MEDINA, J. **Eça de Queiroz e o seu tempo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.
- NETO, M. D.; MARTINS, M. D. Significados do nacionalismo e do internacionalismo. **Tensões Mundiais**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 80-111, 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/742>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- NOGUEIRA, J. P. A guerra do Kosovo e a desintegração da Iugoslávia: notas sobre a (re)construção do Estado no fim do milênio. **Rev. bras. Ci. Soc.**, v. 15, n. 44, p. 143-160, out. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/BWRjLhJNcJf7ygmLcr6X5ry/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 jun. 2024.
- OTAN assume responsabilidade por ataque a civis. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, ano 120, n. 38.531, 16 abr. 1999. Internacional, p. A14.
- QUEIROZ, E. de. **A illustre Casa de Ramires**. Porto: Livraria Chardron, 1900.
- REICHSTAG volta a ser sede do Parlamento alemão. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, ano 120, n. 38.535, 20 abr. 1999. Internacional, p. A16.
- RENAN, E. O que é uma nação? Conferência realizada na Sorbonne, em 11 de março de 1882. Tradução de Glaydson José da Silva. **Revista Aulas**, Campinas, v. 1, n. 2, 2006, p. 1-21.
- SARAIVA, A. J.; LOPES, O. **História da literatura portuguesa**. 16. ed. Porto: Porto Editora, [1992].
- SARAIVA, J. H. **História concisa de Portugal**. Lisboa: Europa-América, 1996.
- SILVA, K. V.; SILVA, M. H.. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed., 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, H. J. de. **Como se faz análise de conjuntura**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

TENGARRINHA, J. (org.). **História de Portugal**. Bauru, SP: EDUSC ; São Paulo, SP: UNESP ; Portugal, PO: Instituto Camões, 2000. (Coleção História).

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.